

PRESERVAÇÃO

Bem longe do apito

Projeto indígena de pesquisas agropecuárias dá certo e pode mudar a vida nas tribos. São os índios em busca de tecnologia.

■ Uma chácara com 16 hectares, localizada na periferia de Goiânia, foi palco da comemoração, no último mês, do primeiro ano de experiências que poderão revolucionar a vida de 170 povos indígenas brasileiros. É o CPI (Centro de Pesquisas Indígenas), um laboratório de campo criado e administrado por índios com o objetivo de desenvolver técnicas de manejo auto-sustentado da flora e da fauna características de reservas indígenas no país.

Pode parecer um contra-senso o fato de índios estarem criando peixes em reservatórios, mas, na verdade, o projeto responde a uma necessidade atual daqueles povos, contra os quais pesa o sempre crescente — e inevitável — processo de aculturação. A medida que a chamada civilização chega, os índios perdem seus hábitos milenares, abandonam suas culturas e mudam sua relação com a terra. A proposta do CPI é

facilitar a aculturação, mas de forma que a cultura indígena, intrinsecamente ligada à caça, à pesca e à coleta de frutos silvestres, não seja exterminada.

Mais sedentários - Segundo o presidente da UNI (União das Nações Indígenas), entidade que mantém o CPI, Ailton Krenak, os índios de hoje já não podem migrar como antes. A política governamental determinou que os cerca de 217 mil indígenas hoje existentes — de um total de 5 milhões que povoaram o Brasil no passado — fossem fixados em "manchas" ao longo do território nacional. Com isso, a flora e a fauna são consumidas com o tempo, o que, ao lado da ação predatória de garimpeiros, seringueiros, obras do próprio governo federal e de latifundiários, destrói o habitat dos índios.

Mais do que a simples demarcação, lembra Krenak, os índios querem ocupar seus territórios e nada melhor do que o desenvolvimento de técnicas de manejo auto-sustentado da flora e da fauna aliado à cultura de subsistência indígena. "Não podemos ignorar as mudanças que vêm ocorrendo em nossos ecossistemas", diz Krenak. "Temos de preparar nossos povos para essas mudanças, se quisermos continuar vivendo nos territórios de nossos ante-

passados." A mudança proposta por ele e outros líderes reunidos em torno da UNI implica aliar o conhecimento milenar que os povos indígenas têm da natureza à moderna tecnologia dos brancos.

Para isso, o CPI transformou-se num centro de desenvolvimento de tecnologia própria, lembra Krenak, que destaca não interessar aos índios absorver integralmente as técnicas e conhecimentos da chamada civilização. Importa, isto sim, a transformação desses conhecimentos em técnicas novas, desenvolvidas pelos próprios índios. Longe dos adubos químicos e da exploração que possa, porventura, destruir a terra. "Vamos ter de aprender a conhecer e preservar as espécies nativas, e o primeiro passo é aprender a conhecê-las de um modo novo, científico. Vamos precisar da tecnologia moderna para preservar nosso habitat."

As conquistas - O projeto do CPI alcançou várias vitórias nesse primeiro ano de atividades. Em julho deste ano, a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) interessou-se pelo trabalho dos índios e firmou um convênio de intercâmbio com o CPI. O motivo é curioso. Os técnicos do órgão estatal dominam técnicas sofisticadas de laboratório, mas desconhecem as aplicações práticas de boa parte das plantas de uso medicinal e o aproveitamento de árvores utilizadas pelos indígenas, muitas em extinção.

A Universidade Federal de Goiás também se interessou pelo projeto do CPI e está abrigando 11 representantes das comunidades indígenas. Quatro deles cursam Direito, com especialização em legislação referente a índios, e os outros fazem Ciências Biológicas, para atuar no próprio CPI. Os primeiros formarão, em Brasília, o Núcleo de Defesa Indígena, uma extensão da UNI voltada para a orientação jurídica das lutas dos povos indígenas em favor de seus direitos.

"Vamos nos especializar naquilo que as gerações antigas não precisaram fazer", lembra Ailton Krenak. Buriitis, jatobás, piquis e outras espécies frutíferas que estão sendo desenvolvidas no CPI serão levados, em mudas, para todas as tribos. O centro fornecerá assistência técnica e trabalhará para a criação de viveiros nos próprios territórios indígenas. Um trabalho demorado, mas que surtirá efeito logo, garante Krenak. Para isso, conta com a ajuda dos deuses. "O conhecimento formal no índio passa pelo filtro do pensamento mágico, pois temos encravado em nosso espírito a maneira de lidar com a natureza", diz ele.



NO LABORATÓRIO
Ailton Krenak
(ao lado) e outros
líderes defendem a
produção de mudas
em viveiros para
salvar espécies
fundamentais à
cultura indígena

